



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III – GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

KATHYENE DE ARAÚJO GOMES

**A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA AS
RELAÇÕES INTERPESSOAIS DO SURDO E DA FAMÍLIA**

**GUARABIRA – PB
2019**

KATHYENE DE ARAÚJO GOMES

**A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA AS
RELAÇÕES INTERPESSOAIS DO SURDO E DA FAMÍLIA**

Monografia apresentada à Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Letras Habilitação Português.

Área de Concentração: Oralidade e Escrita no Ensino de Língua Materna.

Orientador: Prof^ª Esp. Aline de Fátima da Silva Araújo

**GUARABIRA – PB
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

G633a Gomes, Kathyene de Araujo.

A aquisição da linguagem e suas contribuições para as relações interpessoais do surdo e da família [manuscrito] / Kathyene de Araujo Gomes. - 2019.

44 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.

"Orientação : Profa. Esp. Aline de Fátima da Silva Araújo, Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Surdo. 2. Língua. 3. Família. 4. Libras. I. Título

21. ed. CDD 371.91

KATHYENE DE ARAÚJO GOMES

**A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA AS
RELAÇÕES INTERPESSOAIS DO SURDO E DA FAMÍLIA**

Monografia apresentada à Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial a obtenção do título de Licenciatura em Letras Habilitação Português.

Área de Concentração: Oralidade e Escrita no Ensino de Língua Materna.

Orientador: Prof^a Esp. Aline de Fátima da Silva Araújo

Aprovada em: 29/05/2019.

BANCA EXAMINADORA

Aline de Fátima da S. Araújo
Prof. Esp. Aline de Fátima da Silva Araújo (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Danielle dos Santos Mendes Coppi
Prof. Danielle Dos Santos Mendes Coppi
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Debora Regina Fernandes Benicio
Prof. Mr. Debora Regina Fernandes Benicio
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

DEDICATÓRIA

À minha tia Lika (Tioca) (*in memoriam*), pela dedicação que teve por mim em vida, por ser meu combustível nessa jornada acadêmica, mesmo estando ausente fisicamente. E aos meus pais, que sempre me apoiaram e me ajudaram na realização deste sonho.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus e a espiritualidade boa e amiga, por sempre me conduzir nessa caminhada árdua, dando-me forças e me ajudando a vencer um dia de cada vez, possibilitando que eu chegasse até aqui.

Ao meu pai José Milton, por seu apoio e determinação em me ajudar e por me inspirar a construir o meu futuro e concluir minha vida acadêmica, que sempre fez o impossível para que eu não desistisse. Aos meus irmãos, Jordy, Lucas e Lenom, que contribuíram nesses quatro anos de jornada, sempre me ajudando quando foi necessário.

À minha mãe Wanusia, que não mediu esforços para realizar comigo este sonho. Obrigada por todas as vezes que me estendeste as tuas mãos, que foste minha amiga e parceira, e sempre compreendeste a importância dele para mim, eu te amo.

À minha querida tia Wandekarla, que se fez presente, mesmo distante, e que foi minha inspiração de vitória e colaborou efetivamente nessa caminhada, me incentivando a crescer.

Ao meu avô Damião, que colaborou para a concretização deste sonho, me preenchendo com sua alegria e torcendo por mim.

Ao meu avô Benedito (*in memoriam*), por acreditar no meu sonho e me doar um pouco da sua sabedoria em vida.

A todos os meus familiares, que torceram por mim e contribuíram com palavras de conforto e que se alegram com essa conquista.

À minha orientadora Aline, pela disponibilidade em participar neste projeto e por sempre me tratar com carinho. Obrigada pela amizade e confiança na elaboração deste trabalho e dos conhecimentos adquiridos durante as aulas e nesta pesquisa.

Aos professores do curso de Letras da UEPB, que contribuíram ao longo desses quatro anos, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa e para minha vida acadêmica. Aos meus colegas de classe, que conviveram comigo nesses quatro anos, e aos meus amigos do peito, que sempre estiveram comigo, me socorrendo quando necessário e me dando apoio para a conclusão do curso.

"Quando eu aceito a língua de outra pessoa, eu aceito a pessoa. Quando eu rejeito a língua, eu rejeito a pessoa, porque a língua é parte de nós mesmos. Quando eu aceito a língua de sinais, eu aceito o surdo, e é importante ter sempre em mente que o surdo tem o direito de ser surdo. Nós não devemos mudá-lo, devemos ensiná-lo, ajudá-lo, mas temos que permitir-lhes ser surdo."

Terje Basilier

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 LIBRAS, O QUÉ?	13
3 O SURDO E A FAMÍLIA	16
4 A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM DA PESSOA SURDA	21
5 METODOLOGIA.....	25
6 RESULTADO E DISCUSSÕES	27
7 CONCLUSÃO.....	39
REFERÊNCIAS	41
ANEXOS	43

A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS DO SURDO E DA FAMÍLIA

Kathyene de Araújo Gomes

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo conhecer a importância que a família desempenha na aquisição da língua da pessoa surda. Com isso, trataremos de encontrar respostas através de um questionário destinado a um familiar de um surdo, para reforçamos a relevância da família no processo de desenvolvimento da criança surda. Utilizaremos como base para nossa pesquisa autores como Strobel (2008), Quadros (1997), Queiroz e Rúbio (2014), entre outros que serviram como aporte para as questões levantadas. Com base nas respostas obtidas por meio do questionário entregue às duas mães, foi possível perceber o quanto a falta da aquisição da LIBRAS para o surdo e seus familiares resulta em uma relação escassa e com a comunicação prejudicada, que ocasiona em transtornos e insatisfação para a vida deles. É necessário um olhar direcionado para a questão da aquisição da língua da pessoa surda e como esse processo influencia na relação familiar, tendo em vista que ela integra uma parte essencial da vida do surdo. Os familiares, ao longo da vida, possibilitam caminhos que ajudam o indivíduo a se desenvolver socialmente e assim proporcionar uma boa convivência com os que estarão sempre por perto; o surdo necessita da sua própria linguagem para poder atuar na sociedade e autoafirmar a sua identidade, para isso, desde cedo, ele deve estar inserido em um meio que os usuários sejam praticantes da LIBRAS, assim ela se tonará sua língua de forma natural.

Palavras-chave: Surdo. Língua. Família. Libras

THE ACQUISITION OF LANGUAGE AND ITS CONTRIBUTIONS TO THE INTERPERSONAL RELATIONS OF THE DEAF AND THE FAMILY

ABSTRACT

This research aims to know the importance that the family has in acquiring the language of the deaf person, and finding answers through a questionnaire intended for a relative of a deaf person, in order to reinforce the importance the process of learn LIBRAS to development of a child deafness. In this way, we will use as basis for our proposal authors such as Strobel (2009), Quadros (1997), Queiroz and Rúbio (2014) among others that served as contribution to the questions raised in our research. Therefore, based on the answers obtained through the questionnaire delivered by the mothers, it was possible to perceive how much the lack of knowledge of LIBRAS for deaf people and their relatives results in a scarce relation and with the impaired communication that causes in the discomforts and dissatisfaction with their life. It necessary a direct look at the acquisition of the language of the deaf person and how this process influences the family relationship, since it integrates an essential part of the deaf person's life. Family members throughout life enable paths that help the individual to develop socially and thus provide a good coexistence with those who will always be close, the deaf need their own language to be able to act in society and self affirm their identity for that since early it must be inserted in a way that the users practitioners of LIBRAS tonify your language in a natural way.

Keywords: Deaf. Language. family

INTRODUÇÃO

Atualmente, boa parte da sociedade possui conhecimento de que existe uma língua específica para os surdos, a língua brasileira de sinais (LIBRAS), que é a comunicação por meio da sinalização. Muitos não têm o domínio ou contato direto, mas estão cientes de que é a língua natural dos surdos brasileiros, que a utilizam para se comunicar entre si e com pessoas ouvintes, seja no contexto social ou familiar.

O surdo, muitas vezes, enfrenta um preconceito por parte da sociedade por não possuir a oralidade que é definida como normalidade para alguns. Segundo Sílvia Andreis Witkoski, “estão evidentes as marcas que o identificam como um ser incompleto, incapaz, deficiente” (WITKOSKI, 2009, p. 565). Até mesmo no seu meio familiar, a aceitação ocorre gradativamente, o que ocasiona um desequilíbrio quanto a si mesmo e a torna mais difícil para enfrentar as barreiras que estão por vir. É a partir da família que construímos nossas ideias de afeto, carinho, proteção, pois ela repassa esses sentimentos para nós desde criança. Através da família, conseguimos o suporte que nos é necessário para vencer obstáculos e nos aceitarmos; é dela que recebemos os primeiros conhecimentos e direcionamentos para a vida. É importante a participação da família na vida de um surdo, já que ela é responsável por boa parte da socialização do indivíduo. Segundo Rachel Pereira,

O mais importante agente de socialização é a família, pois a mesma executa a tarefa crucial de socializar a criança e modelar o desenvolvimento de sua personalidade, por isso, cabe à família da criança surda desdobrar-se em paciência e carinhos constantes para exercer; além de seus papéis tradicionais, o de completar, em casa, a aprendizagem da linguagem. A afetividade é imprescindível para o seu ajustamento emocional e a sua segurança íntima (PEREIRA, 2008, p. 37).

É a família que oferece o conforto e a preparação para a pessoa surda, pois é através do afeto, da educação e da língua de sinais que ela pode ter uma boa convivência com as demais pessoas. A família precisa pôr as necessidades do filho em primeiro lugar, se dedicar para que o aprendizado dele ocorra de forma agradável e sem transtornos, o que ocasiona uma facilidade na sua comunicação, assim ele se sentirá seguro com todo apoio que recebe de seus familiares. Através deles é que conseguimos construir nossa própria personalidade, pois é dentro do contexto familiar que se acontece a primeira convivência social. Com esse suporte é possível enfrentar as dificuldades impostas pela vida e pelo meio social.

Desta forma, o presente trabalho justifica-se pela necessidade de mostrar a importância que a família possui no crescimento individual, social e comunicativo na vida de um surdo e

de que forma ele adquire sua língua. É essencial mostrar a influência que a família tem na comunicação de alguém que é usuário da língua de sinais. A escolha para abordagem deste tema foi resultado das aulas do componente LIBRAS oferecido pela grade curricular do curso de Letras português, disciplina esta que proporcionou conhecimentos gratificantes quanto ao ser surdo, sua cultura, seu processo de aquisição da sua língua materna e suas lutas para conquistar o espaço a que tem direito.

Nesta pesquisa, optamos por analisar as relações interpessoais que conectam a família ao surdo, sendo ouvintes ou não, direcionando-se à convivência familiar, a fim de perceber como essa comunicação acontece entre eles e se existe a utilização da língua de sinais dentro de casa e, conseqüentemente, identificar a influência que a língua de sinais possui nessa relação entre o surdo e sua família. Sabemos que este é o meio mais claro de comunicação para o surdo, e conhecer um pouco mais sobre este universo nos possibilita uma compreensão do quanto é importante o acesso à língua materna.

Diante disso, a pergunta norteadora da nossa pesquisa abarca a seguinte questão: Como a aquisição da linguagem influencia na relação entre o surdo e sua família? Para que possamos responder a essa questão de forma coerente, temos como objetivo geral perceber como ocorre o processo de aquisição da linguagem no ambiente familiar, a importância dela para essas relações e buscar subsídios para essas respostas através de bases teóricas, que servirão de suporte para as conclusões ao fim deste trabalho. Assim, se torna possível compreender como o surdo adquire sua língua e a influência que a família possui neste processo, que são parte fundamental nesta pesquisa, sendo seus componentes pessoas que integram o mesmo ambiente de uma pessoa surda.

Desta forma, será possível conhecer e compreender não só a comunicação familiar, como a importância que a LIBRAS traz no contexto principal da vida de qualquer ser humano. A partir dos objetivos específicos desta pesquisa, nos propomos a investigar se a família possui o acesso à língua de sinais; qual a influência que a LIBRAS tem na relação familiar; observar como ocorre o processo da aquisição da linguagem; constatar os benefícios que existem com a utilização da língua de sinais nas relações pessoais no seio familiar.

Quanto à metodologia desse trabalho, além do suporte teórico que servirá como base, também realizamos uma pesquisa de campo, acompanhada de um estudo de caso. Para isso, foi elaborado um questionário destinado a duas mães que possuem contato direto com um surdo, definindo nossa pesquisa com teor qualitativo. A partir dessas fontes se tornará possível compreender o comportamento do surdo no seu contexto familiar, assim como a

relevância de se adquirir a linguagem no período apropriado e a importância que a LIBRAS exerce para os envolvidos nessa pesquisa.

Desse modo, o presente trabalho estrutura-se em quatro capítulos. O primeiro capítulo apresentará o que é a LIBRAS, um pouco da história e a importância que a língua de sinais tem para a comunidade surda. O segundo capítulo abordará o surdo e o papel da família, que é o alvo principal e tema deste trabalho, serão evidenciados o comportamento e a importância que a família possui na vida do surdo, como também a necessidade da LIBRAS para a comunicação no meio familiar. No terceiro capítulo, abordaremos o processo da aquisição da linguagem da pessoa surda, e o quarto traz os resultados e as discussões do nosso trabalho, a partir da exposição do questionário aplicado aos familiares, a fim de entender o papel que a LIBRAS tem para eles.

2 LIBRAS, O QUE É?

Atualmente, nossa sociedade tem visto com mais frequência assuntos que se interligam com a língua brasileira de sinais, possibilitando um conhecimento que até então não se tinha e que colabora para compreensão do que é ser surdo e do respeito que se deve ter para com ele. Sabemos que a jornada da comunidade surda é longa e que passou por inúmeras barreiras para se conseguir os direitos que existem hoje. O surdo, para a sociedade antiga, era considerado incapaz por não ser ouvinte e, conseqüentemente, submetido a diversas formas de educação para que desenvolvesse sua oralidade e assim fosse aceito no meio social. Segundo Skliar, “o oralismo é considerado pelos estudiosos uma imposição social de uma maioria linguística sobre uma minoria linguística” (SKLIAR, 1997, p. 256). Com isso, o surdo ficava restrito ao convívio social que era necessário para seu desenvolvimento, realidade que causava constrangimento e dor para aqueles que possuíam a falta da audição.

Com a transformação de uma parte da sociedade e a ampliação de conhecimentos, esse conceito totalmente preconceituoso passou a ser ignorado e a comunidade surda ganhou visibilidade. Com isso, a LIBRAS foi aceita como meio fundamental para a comunicação de pessoas surdas. Somos cientes de que, infelizmente, ainda existem pessoas que alimentam essa ideia, porém, através do conhecimento é possível acontecer a mudança de pensamento. Hoje, percebe-se o quanto se faz necessária a Língua Brasileira de Sinais, ou seja, a LIBRAS, pois ela é um elemento essencial para uma boa comunicação, seja entre surdos ou de ouvintes com surdos.

Acerca da regulamentação da LIBRAS os documentos oficiais asseguram que:

É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais – Libras e outros recursos de expressão a ela associados. Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais – Libras, a forma de comunicação e expressão em que o sistema linguístico de natureza visual motora com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (BRASIL, Art. 1º da Lei Federal, 10.436/2002 de 24 de abril de 2002).

Nessa direção, O surdo tem o direito de exercer sua comunicação através da língua de sinais, considerada a forma mais fácil e útil para uma boa comunicação na sociedade, hoje, com o respaldo da lei. A língua de sinais é regida de uma comunicação que ocorre quando o indivíduo utiliza as mãos e expressões para indicar o que ele quer falar. Dessa forma, para uma pessoa surda se torna mais fácil dizer e demonstrar o que ela está sentido.

Segundo Gesser, “a pressuposição de que não se consegue expressar ideias ou conceitos abstratos está firmada na crença de que a língua de sinais é limitada, simplificada, e não passa de um código primitivo” (GESSER, 2009, p. 22). No entanto, percebe-se que a língua de sinais não é limitada como se pensava, nem primitiva, pois ela possibilita ao surdo reger uma comunicação em que ele expresse seus sentimentos, o que amplia os conhecimentos que a língua de sinais possui, tornando-a ilimitada como qualquer outra forma de comunicação.

Devemos compreender que o direito de ir e vir é para todos, com isso não se pode excluir ou diminuir uma pessoa surda por sua condição, pois, ela possui capacidades, e é uma pessoa normal, apenas não ouve, mas é capaz de entender e aprender como todos os seres humanos. Quando nos dispomos a conhecer e compreender a língua de sinais, passamos a entender a riqueza existente nesse mundo, o quanto é mágico se expressar com uma língua que utiliza as mãos e a visão, e que o preconceito é totalmente desnecessário, pois percebemos que, por muitas vezes, os surdos conseguem se sobressair bem mais que uma pessoa ouvinte. De acordo com Gesser,

A oralização deixou marcas profundas na vida da maioria dos surdos. Pode-se dizer que a busca desenfreada pela recuperação da audição e promoção do desenvolvimento da fala vocalizada pelo surdo são objetos que traduzem em vários sentimentos: desejo, dor, privação, aprovação, opressão, discriminação e frustração. [...] Oralizar é sinônimo de negação na língua dos surdos (GESSER, 2009, p. 50).

Sendo assim, para o surdo, a oralização se tornou bem mais que um castigo, pois essa prática se perpetuou por bastante tempo, causando experiências negativas e, por vezes, deixando traumas naqueles que foram submetidos a experiências desenfreadas de oralização. Saber que a sua condição era vista como algo inferior somente por falta da voz, era constrangedor.

Com o passar do tempo, essas práticas foram sendo banidas e o surdo começou a ter a visibilidade que era sua por direito. É importante ressaltar que ainda há muito que melhorar, porém, através das lutas diárias, o preconceito, aos poucos, se evadirá, dando espaço para o discurso de respeito, compreensão, empatia e aceitação pelo que o outro é. Seguindo o pensamento de Gesser, “a surdez é muito mais um problema para o ouvinte do que para o surdo”, (GESSER 2009, p. 64). O povo surdo se orgulha da sua comunidade, da sua história, das suas lutas e da cultura que possuem. O defeito está na visão das pessoas ouvintes que se acham no direito de delimitar quem é certo e quem não é, pessoas carregadas de preconceito,

ignorantes quanto à diversidade que existe na sociedade. É importante mencionar que a pessoa surda também possui variações em sua língua, a esse respeito,

Strobel e Fernandes dizem que:

A modalidade gestual-visual espacial pela qual a Libras é produzida e percebida pelos surdos leva, muitas vezes, as pessoas a pensarem que todos os sinais são o desenho no ar referente ao que representam. É claro que, por decorrência de sua natureza linguística, a realização de um sinal pode ser motivada pelas características do dado da realidade a que se refere, mas isso não é uma regra. Portanto, necessita de um aprendizado sistemático, preferencialmente ensinada por surdos (STROBEL; FERNANDES, 1997, p. 25).

Assim como existe uma variação linguística presente na língua portuguesa, uma vez que palavras e expressões variam de uma região para região, com a LIBRAS não é diferente, cada local reproduz seus sinais de acordo com as características da região, causando uma variação na sinalização. Desse modo, a forma como a língua de sinais é utilizada dependerá de cada cidade e a realidade de regiões específicas, levando em conta que cada país possui sua língua de sinais e nem sempre as configurações realizadas com as mãos ocorrem de forma igualitária, por isso é afirmado que a língua de sinais não é universal. Esse é um dos aspectos que faz com que a LIBRAS seja uma língua como qualquer outra, que possui suas regras e sua gramática.

3 O SURDO E A FAMÍLIA

A família é o principal elemento para a iniciação do indivíduo na sociedade, é dela que adquirimos nossas primeiras informações e, conseqüentemente, desenvolvemos nossa comunicação para exercê-la no meio social. Por isso, a família é peça importante para qualquer pessoa, desde as que não possuem nenhuma dificuldade aparente, como aquelas que necessitam de uma atenção especial.

Como afirma Strobel, “Ademais, essa interação permite que a criança surda satisfaça as suas eventuais dúvidas que geralmente permeiam seus pensamentos, as quais muitas vezes não lhe são esclarecidas devido à falta de conhecimento da Língua de Sinais pelas pessoas que a cercam” (STROBEL, 2008, p. 42). Nossas ações, muitas vezes, são reflexo do que acontece em nossa casa, com nossos familiares, daí se nota a necessidade do apoio que a família precisa oferecer para seu filho, ou seu parente.

Nesse contexto, a família que possui uma criança surda deve estar preparada, para recebê-la, mas acontece, muitas vezes, que o impacto do diagnóstico acaba por bloquear esses familiares que não aceitam a criança, causando transtornos para ambos. Para o surdo, saber que sua família o aceita como ele é, e entende que o fato de ele não ouvir não o torna incapaz é de grande ajuda, ele terá uma referência de apoio quando passar por situações que o deixarão vulneráveis.

A família é responsável por nos orientar quanto às questões emocionais e racionais, ensinando-nos como devemos agir quando estivermos em sociedade, a entender o que é bom e o que é ruim, ela nos auxilia na construção da nossa personalidade e ensina a estabelecer uma comunicação com as demais pessoas. Segundo Veschi, “o desenvolvimento da criança surda é proporcional à participação da família” (VESCHI 2005, p.51).

Desse modo, é necessário que a família esteja presente em todas as fases, pois o desenvolvimento da criança surda ocorrerá conforme sua família conduzir, de modo que ela se sentirá segura. Nessa direção sabemos a realidade das pessoas surdas, mesmo que a condição delas não cause nenhuma incapacidade, a sociedade atual carrega um preconceito forte, muitas vezes, por falta de conhecimento, o que causa constrangimentos desnecessários, e é nesse momento que elas buscarão apoio no seu meio familiar.

Quando a criança encontra na sua família um lugar de boas vibrações, e que oferece conforto e carinho, um lar onde ela percebe que seus pais, irmãos, tios e outros parentes estarão sempre prontos para ajudar no seu crescimento, auxiliando e criando meios para que possa se desenvolver, ela reproduzirá todo esse cuidado no seu comportamento, nas suas

ações. Desse modo se tornará uma criança e, futuramente, um adulto aberto a novas possibilidades, sem medo e preparado para lidar com qualquer tipo de preconceito que venha a sofrer quando estiver com pessoas diferentes e em diversos contextos sociais.

A comunicação utilizada pelos surdos é através das mãos, mesmo que eles não tenham conhecimento da língua de sinais, é possível se comunicar através dos gestos caseiros, ou sinais emergentes, que é a primeira maneira de comunicação utilizada pelos surdos, quando eles ainda não possuem o contato com a língua de sinais. Segundo Strobel, “estas percepções visuais abrangem, através de expressões faciais e corporais, das atitudes dos seres vivos e dos objetos em diversas circunstâncias” (STROBEL, 2008, p. 39). Isto é, o surdo se apropria da sua visão para poder identificar o que acontece ao seu redor, já que ele não consegue ouvir.

Muitas famílias têm grandes dificuldades nesse processo, principalmente porque boa parte delas não tem acesso fácil à língua de sinais, o que acaba resultando numa comunicação um pouco escassa e frustrante. Por isso, os familiares de uma pessoa surda devem, desde cedo, procurar meios para adequar uma comunicação em que o indivíduo possa repassar as suas necessidades para as outras pessoas que convivem com ele diariamente. Mais uma vez, a família participa de um momento importante na vida de um surdo, pois com a ajuda deles estabelecerá sua forma de comunicação com o mundo.

Segundo Stelling,

Os pais de uma criança ouvinte têm modelos educativos da sociedade que são assimilados culturalmente através das gerações. Estes modelos são parcialmente inadequados à educação da criança surda. Este fato produz uma sensação de inoperância inicial, que desencadeia uma série de tensões nos pais, como também no restante da família, cada um sendo afetado de maneira diferenciada (STELLING, 1996, p. 35).

A família precisa construir uma nova forma de educar seu filho, de maneira que não faça com que ele se sinta deslocado daquele ambiente e que a família se adeque à condição dele. O método como os pais educam seus filhos ouvintes não se encaixa para a educação de surdos, pois a forma de comunicação exercida entre eles é diferente e deve ser conduzida com cuidado para que nenhum dos dois lados sofra nesse processo de adaptação e consigam realizar uma comunicação agradável. Como sabemos, para acontecer uma boa relação, é preciso que a comunicação esteja definida de forma igual entre os dois lados e assim um poderá ajudar o outro.

De acordo com Strobel, “o nascimento de uma criança surda é um acontecimento alegre na existência para a maioria das famílias surdas, pois é uma ocorrência naturalmente benquista que não veem esta criança com um ‘problema social’ como ocorre com a maioria

das famílias ouvintes” (STROBEL 2008, p. 49). Sendo assim, as famílias esperam pelo seu filho sem nenhuma característica que possa limitá-lo ou tornar diferente das demais crianças. Quando isso não ocorre é natural a infelicidade naquele momento, que se mistura aos sentimentos de preocupação com o que a criança enfrentará ao longo de sua vida e, mais ainda, se a família será capaz de abraçar a situação e proporcionar uma boa experiência para a vida do seu filho. É claro que é total responsabilidade do familiar buscar meios para que seu filho surdo se desenvolva, mas também é compreensível que, inicialmente, a família receba essa notícia com receio.

O acesso à língua de sinais transforma a vida de uma pessoa surda e de sua família, esta interação evita transtornos familiares e proporciona uma vida calma, em que os pais compreendem o mundo do seu filho, assim como o filho compreende o mundo de seus pais, trazendo novas perspectivas de vida e observando que ser surdo não é ter deficiência nenhuma e sim perceber que uma pessoa surda só necessita do apoio de todos para se integrar no meio social, sem que precise alterar nada em si mesmo. Desse modo, criamos uma sociedade com pessoas justas, sem preconceito de qualquer natureza, pessoas conectadas pelo conhecimento acerca do que é ser diferente.

Nesse aspecto, lembramos o papel importante que a família possui no crescimento individual de cada pessoa, principalmente quando ela apresenta uma condição que para os demais não é aceita tão facilmente. A família nos auxilia quanto às questões que vamos exercer na sociedade, através dela sentimos segurança para sermos nós mesmos. Se um indivíduo não possui o apoio e o acompanhamento por parte dos que convivem com ele diariamente, é provável que seu desenvolvimento se torne limitado, já que ele não terá segurança e não saberá lidar com os problemas que possam surgir no decorrer da vida.

É na família que praticamos nossa forma de comunicação com o mundo, tendo em vista que é nela que exercemos nossa primeira fala e aprendemos como reger esta comunicação. O mesmo acontece com o indivíduo surdo, seus familiares são parte principal no seu desenvolvimento social. E aqui entra a necessidade de se ter a LIBRAS como forma de comunicação, pois é a maneira ideal para que não ocorra frustrações e nem a criança se sinta acuada na hora de interagir com as demais pessoas.

A língua de sinais é base para aqueles que são surdos, possibilita uma comunicação com a sociedade de forma natural, e até com seu ambiente familiar. Muitas famílias não conseguem se adaptar e compreender o que seu parente surdo quer passar por não possuírem um conhecimento da língua de sinais e assim não estabelecem uma comunicação satisfatória,

o que resulta em comportamentos de insatisfações, tanto por parte dos familiares ouvintes, quanto pelo o indivíduo surdo.

A aquisição da língua de sinais é processo notório para uma criança surda, saber que sua família a compreende, ajuda na sua desenvoltura e na sua autoafirmação como surdo. Segundo Strobel, “na maioria dos casos, com famílias ouvintes, o problema encontrado para esses sujeitos surdos é a carência de diálogo, de entendimento e da falta de noção do que é a cultura surda” (STROBEL 2008, p. 51). Ou seja, Quando não se tem acesso à língua de sinais, a convivência se torna limitada, gerando certa ignorância para a condição em que seu filho, irmão ou outro parente se encontra.

Nesse contexto, entende-se a necessidade do acesso a LIBRAS por parte da família, pois quando se conhece e compreende o mundo dos surdos, a relação dentro do lar ocorre de uma forma saudável e como qualquer outra família, se existe um meio de se comunicar, existe a união.

Segundo a autora Laboritt,

Os adultos ouvintes que privam seus filhos da língua de sinais nunca compreenderão o que se passa na cabeça de uma criança surda. Há a solidão e a resistência, a sede de se comunicar e algumas vezes, o ódio. A exclusão da família, da casa onde todos falam sem se preocupar com você. Porque é preciso sempre pedir, puxar alguém pela manga ou pelo vestido para saber, um pouco, um pouquinho, daquilo que se passa em sua volta. Caso contrário, a vida é um filme mudo, sem legendas (LABORITT, 1994, p. 59).

Desse modo, para o indivíduo surdo crescer sem ter a acessibilidade dentro de seu próprio lar é uma experiência que acarreta danos para o ser humano, tendo em vista que é na família que buscamos apoio e compreensão das nossas limitações. Seus familiares devem ser os primeiros a preparar o caminho para que ele possa se desenvolver no meio social e saiba lidar com situações que serão inevitáveis. Além disso, a família proporciona uma boa experiência comunicativa que será refletida na sociedade, estabelece uma forma de interagir com ele, e busca meios que se adequem à condição em que vive seu parente.

Quando a família possui conhecimento e tenta aprender a língua de sinais, a vida da pessoa surda ganha uma facilidade, um apoio, ela reconhece uma ponte para sua estabilidade de comunicação, e aceita a língua de sinais como sua língua materna. Engana-se quem pensa que não conseguem se expressar através da sinalização, por vezes o surdo tem mais capacidade que uma pessoa ouvinte. Devemos compreender que para a criança surda conseguir reproduzir sua comunicação de uma forma que não se sinta à parte na sociedade, se

faz necessário não só o uso da língua de sinais, mas a integração dela como prática normal em sua vida.

A esse respeito, Esser, *apud* Pereira, diz:

Os surdos que recebem uma base sólida da família, fato este que leva o surdo a acreditar no seu próprio potencial, que é completado na escola especial regular, quando leva dentro de si imagem positiva dos estímulos adequados recebidos ao longo do tempo, tem elementos que podem modificar conceitos negativos existentes na sociedade pela falta de reconhecimento, da sociedade em geral, do aspecto psicológico com relação ao mesmo (ESSER, 1995 *apud* PEREIRA, 2008, p. 38).

Assim, se reconhece o papel fundamental da família. Como dito anteriormente, nossos atos são reflexos das experiências e dos ensinamentos repassados pelos nossos pais, avós, tios e outros parentes, o que não é diferente na nossa comunicação; o modo como eles interagem e direcionam nosso modo de diálogo com os demais é muito importante. Para o surdo se comunicar através de sua língua materna, a interação familiar é o melhor caminho, pois, ele não se frustra, e do mesmo modo que repassa suas informações, obtém retorno, o que faz com que ele se sinta parte do todo e não excluído ou incapaz por não ouvir.

Nossa família é nosso maior suporte quanto a essas questões de auxílio à comunicação com o mundo, provêm dos familiares nossas primeiras práticas de socialização, e é no contexto familiar que buscamos referências para constituir nosso caráter. Sendo assim, quando o surdo sabe que sua família se adequa a ele e procura melhorias para sua vivência, ele se torna mais independente e ciente que sua condição não o torna diferente. Poder interagir com nossos familiares é a nossa principal experiência de interação, o surdo, tendo acesso à língua de sinais desde cedo, juntamente com aqueles que convivem diariamente com ele, vivenciará uma relação de tranquilidade e solidez, de modo que ele se sinta bem.

4 A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM DA PESSOA SURDA

Como bem se sabe, o surdo tem como sua língua materna a língua de sinais, utilizando-se das mãos e dos olhos para reger sua comunicação com os demais. O processo de aprendizado para a língua de sinais deve ocorrer nos seus anos iniciais, assim como acontece com a criança ouvinte.

Lenzzi diz que:

Os surdos como seres humanos que são, possuem, também, essa capacidade, o que explica sua possibilidade de adquirir a língua falada em seu país, desenvolvendo a função auditiva e dispondo dessa capacidade inata, o surdo precisa reconhecer a linguagem de maneira natural, como acontece com a criança ouvinte (LENZZI, 1995, p. 44).

A aquisição linguística para a criança surda deve ocorrer de um modo que ela sinta que este processo não a obriga a deixar de ser quem é, isto é deixar de ser surda. É necessário que ela tenha conhecimento da língua materna e, depois, tenha acesso à sua segunda língua, no caso, a língua portuguesa na modalidade escrita. A LIBRAS deve ser adquirida por meio natural, sem imposição, tendo em vista que o surdo é um ser bilíngue, do mesmo modo que ocorre o processo de aprendizagem da criança ouvinte, indo por etapas e reconhecendo o limite e as dificuldades que cada uma possui.

É compreensível que o surdo não possui o mesmo nível de uma pessoa ouvinte no aprendizado da língua portuguesa, pois o ensino para ele é um tanto diferenciado e, muitas vezes, a inclusão não ocorre de forma adequada, gerando transtornos para as crianças e fazendo-as chegar na fase adulta com dificuldades para exercer funções no mercado de trabalho. É válido lembrar que essas dificuldades, além de serem decorrentes de um modo incorreto de se repassar o ensino, a língua materna do surdo é a língua de sinais.

Sendo assim, é necessário que ele saiba primeiramente LIBRAS para que, na sequência, possa adquirir a língua portuguesa como sua segunda língua. Assim como uma pessoa ouvinte tem dificuldades em adquirir uma nova língua, que possui regras e a estrutura é distinta da sua língua materna, para o surdo não é diferente. Ele é capaz de aprender, porém, como qualquer outra pessoa, essa aprendizagem ocorre de forma gradual. A respeito da oralização como método para os surdos, temos a seguinte afirmação.

Segundo Quadros,

Outro problema da proposta oralista está relacionado à questão da aquisição da língua oral. Pesquisas desenvolvidas nos Estados Unidos (duffy, 1987) constataram que, apesar do investimento de anos da vida de uma criança surda na sua oralização,

ela somente é capaz de captar, através da leitura labial, cerca de 20% da mensagem e, além disso, sua produção oral, normalmente não é compreendida por pessoas que não convivem com ela (QUADROS, 1997, p. 23).

O método da oralização para adquirir o aprendizado da língua não se considera tão eficaz, tendo em vista os empecilhos que limitam a compreensão com ela. É preciso compreender que, apesar de o surdo ser capaz de absorver tudo que busca aprender, seu processo de adquirir sua língua acontecerá conforme o tempo individual de cada ser humano, levando em consideração não só a sua condição, como também os outros fatores que interferem no aprendizado, como o contexto familiar e escolar, mas não significa uma incapacidade geral em adquirir a linguagem. Assim, compreende-se que o processo pelo qual a pessoa surda passa até chegar à aquisição da linguagem é longo, porém ela adquire de forma natural aliada à prática no seu cotidiano, aprimorando o aprendizado da sua língua materna.

A esse respeito, Quadros ressalta que

A criança adquire a linguagem na interação com a pessoa à sua volta, ouvindo ou vendo a língua ou as línguas, que estão sendo usadas. Embora a linguagem envolva processos mais complexos, a criança “sai falando” ou “sai sinalizando” quando está diante de oportunidades de usar a língua (ou línguas) (QUADROS, 2011, p. 15).

Isso quer dizer que o aprendizado de uma criança quanto à sua respectiva língua ocorrerá conforme seu uso social, ou seja, se o meio em que tal criança se encontra houver conhecimento e prática da sua língua, essa criança terá uma facilidade em desenvolver sua capacidade de adquirir a linguagem. Quando ela apenas conhece, porém não está inserida em um meio que utiliza o mesmo processo linguístico que ela, sua interação sofre mudanças e, conseqüentemente, retarda seu aprendizado. Essa perspectiva que limita ao ter contato com as pessoas que vivem fora do ambiente familiar.

É importante ressaltar que a influência recebida pela criança no ambiente onde vive, refletirá na sua capacidade de adquirir o processo linguístico, sendo ela surda ou não. Pois é nos primeiros contatos sociais que ela começa a exercer seu processo linguístico. Levamos em consideração que assim como a criança ouvinte vivencia fases para desenvolver seu processo linguístico, com a criança surda ocorre o mesmo, ela precisa passar por estágios que ajudem a progredir no seu processo de aquisição da linguagem.

Desse modo, a criança surda compreende seu mundo como ela a vivencia, e é a partir dessas experiências que ela reflete seu processo linguístico, em que se apropria do meio cultural, da forma como as pessoas que estão ao seu redor interagem e, principalmente, como elas se comunicam. É nesse momento que a aquisição da linguagem exerce sua função, uma

vez que o indivíduo busca dentro de seu contexto, referências que adotará para si. Por isso, seu meio se faz importante e é necessário que seja adequado para as necessidades que ele buscará, muitas vezes, por não possuir apoio por parte de sua família, que são os primeiros a se integrar com eles, uma vez que seu processo linguístico demora bem mais que qualquer outra criança. Durante esse processo, se a criança surda não encontrar algo sólido, acabará refletindo negativamente e se frustrando, ou, talvez, nem conseguindo o básico de aprendizagem da sua língua materna.

É preciso ter um olhar mais atento à criança surda e acompanhá-la na aquisição da linguagem, pois sabemos que esse processo é parte indispensável para que o indivíduo se integre à sociedade e se comunique de forma que ele possa obter retorno quando questionar e vice-versa. O surdo recebe todas as informações, em sua maioria, através da sinalização da sua visão, dessa forma, desde cedo, ele armazena e processa todas essas informações que circulam no ambiente em que vive, o que resulta na aquisição da sua língua de forma espontânea.

Ainda segundo Strobel,

Os sujeitos surdos com a sua ausência de audição e do som, percebem o mundo através de seus olhos, tudo o que ocorre ao redor dele: desde os latidos de um cachorro – que é demonstrado por meio dos movimentos de sua boca e da expressão corpórea – facial bruta – até de uma bomba estourando, que é óbvia aos olhos de um sujeito surdo pelas alterações no ambiente, como os objetos que caem abruptamente e a fumaça que surge (STROBEL, 2008, p. 39).

O surdo alcança domínio na sua língua desde cedo, logo quando entra em contato com as coisas e com pessoas que vivem à sua volta. Assim, temos a noção de que o caminho que a criança percorrerá até chegar no seu processo linguístico amplo, sendo bastante árduo, será fruto daquilo que ela compreende ao seu redor. A língua de sinais possui característica de sinalizar, se a criança convive e torna ela parte de sua rotina, sua desenvoltura com os colegas na escola, com outros familiares e, por fim, com a sociedade será muito mais eficaz, pois quando ela superar todas as fases que constituem este processo, automaticamente, estabelecerá sua forma de se comunicar com o mundo.

Ao adquirir sua língua própria faz com que o sujeito se identifique na sociedade e se encaixe no meio em que ele mais gosta. Se uma criança surda não possui uma prática da sua linguagem em nenhum ambiente no qual ela participa, dificilmente irá se desenvolver e exercer seu modo de interação com as demais pessoas, a comunicação é o que estabelece renascimentos, posicionamentos e outras ações que fazem parte da sociedade, por isso a

necessidade de acompanhar e instigar a aquisição da linguagem do indivíduo desde seus anos iniciais até sua fase adulta.

A sociedade ainda conserva um preconceito quanto às comunidades surdas e a forma como elas adquirem seu processo linguístico, o que resulta em dificuldades para o aprendizado da criança surda, que é tratada como diferente e, às vezes, submetida a experiências impostas que causam constrangimentos numa tentativa de reverter o possível problema. O acesso limitado também implica na hora de aprender, o que levanta ainda mais a questão da participação da família nesse processo, pois ela é alicerce para situações assim, além de proporcionar à criança uma sensação de conforto e segurança.

Nessa direção Queiroz e Rubio (2014), em artigo publicado na revista eletrônica *Saberes da educação*, ressaltam que

A aquisição da linguagem pela criança surda ainda é alvo de grandes debates. Por um lado, estão os médicos que enxergam a surdez como uma deficiência e, portanto, buscam a normalização, utilizando-se dos recursos disponíveis, seja através do uso de aparelho de amplificação sonora individual (AASI) ou recorrendo às novas tecnologias com o uso do implante coclear. Do outro lado estão os profissionais da área pedagógica que buscam diminuir os estigmas, tratando comumente o surdo como diferente, defendendo o uso da língua de sinais como língua natural do surdo (QUEIROZ; RUBIO, 2014, p.8).

A aquisição da linguagem para a pessoa surda vai além de ensiná-la a sinalizar, existe todo o contexto que é importante para que este processo obtenha sucesso. Saber conduzir a criança e fazer com que ela compreenda o meio no qual está inserida é muito importante para o desenvolvimento social dela, seus reflexos são consequências daquilo que aprende com os que estão ao seu redor. Quando a pessoa surda tem acesso a ambientes sinalizadores, isso colabora para a aquisição da língua de forma natural.

5 METODOLOGIA

Para que possamos alcançar o objetivo proposto no nosso estudo, sobre um olhar interpessoal do surdo e da família e a aquisição da linguagem, buscaremos subsídios que auxiliem na compreensão do nosso tema, como um questionário e de teóricos que trazem contribuições a respeito do surdo e do seu contexto familiar. Segundo Richardson, “existem diversos instrumentos de coleta de dados que podem ser utilizados para obter informações acerca de grupos sociais. O mais comum entre esses instrumentos talvez seja o questionário” (RICHARDSON, 2012, p.189).

Segundo este conceito, utilizaremos o recurso questionário como meio para uma compreensão ampla de como é submetida a comunicação entre os surdos, observando as respostas cedidas pelos familiares a respeito da convivência com um surdo em casa, assim, será possível entender a importância que a comunicação adequada no meio familiar tem para o crescimento individual, partindo da ideia de que a família é o início para nosso crescimento, tanto em casa quanto na sociedade.

Segundo Richardson, “a informação obtida por meio de questionário permite observar as características de um indivíduo ou grupo” (RICHARDSON, 2012, p.189). Sendo assim, é possível analisarmos a interação entre o surdo e sua família através das respostas exibidas em cada questão. Com o intuito de compreender melhor o mundo da pessoa surda, além do questionário, fica evidente que se faz necessário buscar teorias que possam ser comparadas ao que foi fornecido pelos familiares. Analisaremos as informações coletadas através dos questionários e teorias, para que possamos responder aos questionamentos que norteiam nosso estudo.

O presente trabalho contou com uma pesquisa de campo de teor qualitativo, com aplicação de um questionário destinado ao familiar de um surdo, neste caso, duas mães, tendo em vista que, através dos familiares é possível obter respostas a respeito dessa comunicação, ou seja, a aquisição da linguagem. Uma vez que são os primeiros a conviver com o indivíduo e, conseqüentemente, passam mais tempo com ele, além de tudo, a família é o apoio necessário para qualquer cidadão.

A respeito da construção de um questionário, Gil afirma que

Construir um questionário consiste em basicamente traduzir objetivos da pesquisa em questões específicas. As respostas a essas questões é que irão proporcionar os dados requeridos para descrever as características da população pesquisada ou testar as hipóteses que foram construídas durante o planejamento da pesquisa. Assim, a construção de um questionário precisa ser reconhecida como um procedimento

técnico cuja elaboração requer uma série de cuidados, tais como: constatação de sua eficácia para verificação dos objetivos; determinação da forma e do conteúdo das questões; quantidade e ordenação das questões; construção das alternativas; apresentação do questionário e pré-teste do questionário (GIL, 1998, p. 121).

Vale ressaltar que a escolha dessas duas mães para responderem ao questionário se deu porque, além de terem acesso a uma criança surda, elas também estão vivenciando a experiência de conhecer a língua de sinais. Foi apresentado o questionário com seis quesitos de perguntas abertas, as quais se referem ao desempenho entre o surdo e todos os que participam do seu convívio familiar, adentrando a questão principal proposta pelo nosso estudo, ou seja, a importância da língua de sinais e sua aquisição no ambiente familiar.

Em síntese, o questionário foi escolhido para poder expor de forma mais ampla as conclusões obtidas na pesquisa, pois através das respostas vindas dos entrevistados, será possível entender e responder a questão apresentada inicialmente, permitindo a compreensão das relações estabelecidas entre os dois lados. O questionário, como diz o autor, propicia a possibilidade de uma maior coleta de informações quanto ao tema que vamos discutir neste trabalho, para que se possa chegar a uma conclusão de como ocorre a aquisição da linguagem dentro dessas relações familiares e qual a relevância desse processo na vida deles. Tal compreensão é possível por meio de questões que envolvem diretamente as ligações internas vivenciadas diariamente por eles.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Esse presente trabalho contou com uma pesquisa de teor qualitativo, por meio da qual buscamos encontrar dados que pudessem comprovar a necessidade da aquisição da língua de sinais no contexto familiar e as suas contribuições na relação interpessoal do surdo e da família. Desse modo, recorremos ao recurso questionário para que fosse possível chegar a uma conclusão. Esse questionário foi aplicado a duas mães que possuem filhos surdos e que conhecem e convivem diariamente com essa realidade.

A pesquisa ocorreu entre os dias 02 e 07 de maio de 2019. Nesse período, foi entregue um questionário com sete quesitos para cada mãe e cada uma respondeu individualmente. Elas residem no município de Cacimba de Dentro – PB, e possuem uma criança surda em casa, sendo elas do sexo feminino, uma com 7 anos de idade, e a outra já adolescente, com 17 anos de idade.

Assim que foram entregues os questionários, as duas mães se disponibilizaram a colaborar com a pesquisa, não houve dificuldade na compreensão das questões apresentadas. Elas discutiram acerca do que foi questionado, o que foi satisfatório para ambos os lados.

Através das respostas colhidas, foi possível perceber que as duas crianças, durante seus anos de vida, nem sempre tiveram acesso à língua de sinais, mas as suas mães, de acordo com a realidade delas, buscaram formas de estabelecer ou ensinar alguns sinais para suas filhas. Claro que as dificuldades para ter esse acesso foram muitas, o que impossibilitou que elas aprendessem desde cedo e tomassem como sua língua materna a LIBRAS. As duas mães alegaram que a inclusão no ambiente escolar nem sempre foi acessível e que sentiam a exclusão das filhas nos primeiros anos escolares. Nossa primeira questão tratou de conhecer se a família tinha acesso a língua de sinais.

Questão 1

1.Existe alguém na família que tem o conhecimento da língua de sinais?

R1: Não.

R2: Profissionalmente não, mas eu, como mãe, sempre estava buscando em *site*, aplicativos, aulas de libras e agora ela conseguiu uma acompanhante nas aulas dela e está tendo aula de libras.

* Os nomes dos entrevistados foram reprimidos por questões de direitos e privacidade, as respostas seguem com a escrita original.

Conforme as respostas cedidas pelas mães, podemos perceber que não existe alguém que domine a língua de sinais na família. E as limitações em ter acesso a tal língua sempre existiram, uma das mães relatou que buscou maneiras de se adequar à comunicação com sua filha, procurando na internet alguns suportes para repassar para ela.

Tendo em vista que a LIBRAS é a língua materna do surdo e utilizada para sua comunicação, a falta dela indica que não possui uma instrução adequada, um acesso à língua de sinais desde cedo, resulta numa comunicação limitada, tanto para os familiares quanto para o surdo. A aquisição da sua língua, por vezes, demora, justamente pela dificuldade que a família tem em conseguir meios para que possam aprender juntos e tenham conhecimento de uma comunicação que traz benefícios para a interação, afinal a convivência se torna desagradável quando não existe comunicação.

De acordo com Bagno, “a educação linguística de cada indivíduo começa logo no início de sua vida, quando, em suas interações com a família e a comunidade, adquire sua língua materna e, junto com ela progressivamente, toda uma cultura de linguagem característica de seu meio social” (BAGNO, 2005, p. 64).

Seguindo o pensamento de Bagno, é preciso que o processo linguístico de cada ser humano aconteça nos seus anos iniciais, quando a criança tem mais facilidade em absorver todas as informações que serão geradas ao seu redor e assim se apropriar da língua que se apresenta a ela, no caso da criança surda, a língua de sinais, de modo que ela aprenderá de forma natural e compreenderá que aquela é sua língua materna. Com isso, a reação da família em inserir a criança surda no contato com o mundo e com pessoas que possuem os mesmos pontos em comum é essencial, é nesse momento que ele começa a adentrar na aquisição da sua linguagem.

Vejamos mais um questionamento proposto a elas:

Questão 2

2. Quando vocês perceberam a necessidade de inserir a língua de sinais na comunicação? Com que idade ele/ela começou a ter contato com a Libras?

R1: Senti a necessidade, mas a família não conseguiu ter acesso. Está tendo contato agora.

R2: A partir do momento que vimos o desenvolvimento dela na escola, e com 7 anos ela começou a ser acompanhada com uma professora de LIBRAS.

Seguindo com as questões, procuramos saber quando foi perceptível a necessidade da inserção da LIBRAS e a idade com que a criança teve acesso à língua de sinais. De acordo com as respostas, que foram divergentes, a necessidade da língua de sinais surge desde cedo, quando a criança começa a se desenvolver e a reconhecer todas as coisas e as pessoas que estão à sua volta. Conforme Queiroz e Rúbio, “a partir da aquisição da Língua de Sinais que as crianças constroem sua subjetividade, compreendendo o que se passa ao seu redor, trocam ideias através da LIBRAS e dão significado ao mundo” (QUEIROZ; RUBIO, 2014, p. 12) . Um processo que faz parte da vida de qualquer criança, sendo ela surda ou ouvinte, mesmo que os familiares não consigam, de imediato, este acesso, o sentimento de que suas filhas precisam de um apoio e de adquirir uma comunicação que não cause transtornos é fundamental.

Onde é neste período que as crianças conseguem absorver e reconhecer sua língua, pois elas observam as demais pessoas que frequentam o mesmo ambiente e passam a se situar naturalmente no contexto de uso da língua materna, percebendo o jeito de se expressar, de se comunicar, entre outros comportamentos que constituem o ser humano. Assim, é preciso que a criança surda conheça ambientes em que há o uso constante da língua de sinais, pois ela irá se aperfeiçoando e, naturalmente, adquirindo sua língua materna, tendo em vista que se não existe um contexto onde outras pessoas exerçam o mesmo modo de comunicação que ela, sua língua não terá função, já que não terá com quem utilizá-la.

Nessa direção Goldfeld assegura que:

Os profissionais e pais das crianças surdas devem ter consciência das consequências que a surdez provoca, ou seja, dificuldade comunicativa e de desenvolvimento das funções mentais como a abstração, memória, generalização, atenção, dedução, entre outras. Assim, devem estar sempre atentos para a necessidade de conversar e informar a criança surda. Aquilo que a criança ouvinte pode aprender informalmente, ouvindo os pais conversando, assistindo a televisão ou por intermédio de outros informantes, a criança surda deve aprender pelo diálogo direto ou observando outras pessoas conversando em Libras (GOLDFELD, 2002, p. 166).

Dessa forma, inserir a criança surda no ambiente que compactue com a mesma língua que ela é importante para seu desenvolvimento em ambientes que não tem outra pessoa surda, principalmente no contexto familiar, que é o lugar de onde guardamos mais memórias de nossa vida. É necessário que a criança consiga diferenciar que ela possui sua língua materna diferente das outras crianças ouvintes, mas que isso não a torna diferente ou incapaz por. Apropriar-se da sua própria língua é, antes de tudo, apropriar-se de si mesmo, do que você é.

Segundo Strobel, “os sujeitos surdos que têm acesso à língua de sinais e participação da comunidade surda tem maior segurança, autoestima e identidade sadia” (STROBEL, 2008, p. 45). Desse modo é por meio da língua que nos identificamos e que conseguimos identificar a comunidade da qual fazemos parte.

Nossa terceira questão tratou sobre como foi adquirido a língua no contexto familiar.

Questão 3

3. Como se deu o processo da aquisição da linguagem dentro da relação familiar?

R1: Através de gestos caseiros, a comunicação entre a família foi estabelecida.

R2: Toda família está disposta a aprender para uma melhor convivência com ela, e com as aulas que tenho na escola dela, passo para todos em casa e juntos aprendemos.

O terceiro quesito apresentou o questionamento sobre como foi adquirida a aquisição da linguagem no contexto familiar. Podemos perceber que não são todas as pessoas surdas que possuem conhecimento da língua de sinais, há muitos surdos que só têm acesso a língua de sinais depois de certa idade, e que fazem uso dos gestos caseiros, que são aqueles estabelecidos antes mesmo de conhecer a LIBRAS.

Segundo Queiroz e Rúbio (2014),

Se os pais recebessem orientação por parte dos profissionais sobre a importância da Libras no desenvolvimento do surdo e das possibilidades de comunicação que ela oferece (uma vez que a criança pode aprender, contar sobre os seus sentimentos e situações vivenciadas), com certeza haveria menos complicações e problemas emocionais. Daí a importância dos pais em adquirir a Libras o mais rápido possível (QUEIROZ; RÚBIO, 2014, p. 10).

Portanto, é necessário que aconteça o aprendizado não só pela criança surda, como também por seus familiares, que poderão ofertar uma comunicação com mais compreensão após o conhecimento da língua de sinais. É importante a participação da família neste processo, como já dito anteriormente, é por meio da família que constituímos nossas perspectivas de vida e é por meio dela, também, que buscamos referências culturais a respeito da nossa língua. Para o surdo, é importante que a família esteja sempre ao seu lado, guiando-o para que ele possa compreender o mundo, sem que acarrete em contrariedade e acabe por considerar ser surdo ou a língua de sinais algo ruim.

A esse respeito Perlin afirma que

[...] As identidades surdas são construídas dentro das representações possíveis da cultura surda, elas moldam-se de acordo com maior ou menor receptividade cultural assumida pelo sujeito. E dentro dessa receptividade cultural, também surge aquela luta política ou consciência posicional pela qual o indivíduo representa a si mesmo, se defende da homogeneização, dos aspectos que o tornam corpo menos habitável, da sensação de invalidez, de inclusão entre os deficientes, de menos valia social (PERLIN, 2004, pp. 77-78).

Através da sua língua, o surdo consegue estabelecer um processo de construção de identidade, que se dá em decorrência da cultura, dos posicionamentos e das expressões em sociedade, da luta por direitos, reafirmando o uso da língua e se orgulhando de ser surdo e da sua comunidade. O processo da aquisição da língua é substancial para o desenvolvimento do surdo, conhecer sua língua é um direito e poder exercê-la na sociedade, também. Para que isso aconteça, é preciso que todos os ambientes estejam dispostos a colaborar neste processo e, claro, a família precisa participar ativamente e sempre buscar melhoras para que seu parente não sofra nenhuma discriminação por sua condição.

Vejamos mais um questionamento:

Questão 4

4. Como as pessoas da família reagiram quando tomaram conhecimento que ele/ela era surdo?

R1: Houve um impacto (o que era normal), mas depois ocorreu a aceitação e conformidade

R2: Naturalmente surgiu um turbilhão de sentimentos, muita alegria, muito amor, nunca questionamos o porquê dela ter essa deficiência.

Partindo para a quarta questão presente em nosso questionário, procuramos saber a reação dos familiares ao ter conhecimento de que a criança era surda. As duas mães responderam como era esperado, que houve um impacto e uma mistura de sensações, pois muitos não sabiam lidar e aceitar que a criança estava naquela condição, até a mãe afirmou que ficou um pouco perdida quando soube o diagnóstico. Uma delas ainda levou a filha durante cinco anos ao especialista na tentativa de reverter a surdez. Após o impacto da notícia, os familiares foram se acostumando e aceitando a condição e, conseqüentemente, fazendo o possível para estabelecer uma comunicação viável e sem transtorno para ambos.

Diante das respostas a essa questão e pelos comentários feitos pelas mães, fica claro que a família é parte importante para que o surdo possa desenvolver suas habilidades de modo seguro, sem distorções. A família é um apoio que possibilita experiências durante nossa vida, sendo assim uma ponte de segurança para que possamos nos sentir seguros. É fundamental para a criança surda saber que possui uma família que está sempre pronto para lhe auxiliar no que for preciso e que a vê como uma criança igual a qualquer outra, resultando, assim, em um desenvolvimento social relevante para a vida daquele que não ouve. Ainda segundo Queiroz e Rúbio,(2014)

Ao receber o diagnóstico da surdez é natural que a família passe por um momento de desestruturação e negação. Cada familiar levará um tempo até a aceitação, e somente a partir daí é que conseguirão auxiliar no desenvolvimento do filho. A posição da família com relação a surdez fará a diferença, pois sabemos que é o primeiro grupo social do qual a criança faz parte e irá adquirir conceitos e valores, além do primeiro contato com a linguagem (QUEIROZ; RÚBIO, 2014, p. 100).

Por mais que seja um choque para os familiares que esperam uma criança ouvinte, é importante que eles passem por esse processo de aceitação, para que possam se dedicar a encontrar maneiras de ajudar na desenvoltura daquele que integra a família. Sabendo que, apesar de a criança ser surda, sua capacidade em nada se torna limitada, desde que tenha um acompanhamento e conheça a língua de sinais junto com as pessoas que constituem sua família e que têm o convívio diário com ela. Quando a família exerce a mesma comunicação, suas chances de desenvolver a aquisição da língua são maiores, já que a todo momento ela estará observando os que a cercam e efetuará suas conclusões acerca do que pode tomar para ela.

A quinta questão propôs

Questão 5

5. Como ela reage à comunicação estabelecida entre vocês? E vocês, enquanto família, alguém se opôs a aprender a Libras?

R1: A comunicação ocorre através de gestos, e ela reage bem à forma de interação entre os familiares.

R2: No começo, ela ficou meio restrita, mas a professora dela disse que era normal, mas hoje em dia ela se dedica muito e eu estou sempre acompanhando ela, e juntas estamos aprendendo.

Na quinta questão, buscamos identificar a comunicação regida entre os familiares e se alguém hesitou em conhecer a língua de sinais. A primeira mãe afirmou que a comunicação entre eles acontece por meio de gestos caseiros, pois, como dito anteriormente, eles não possuem domínio e nem acesso à língua de sinais, mas, apesar disso, a comunicação acontece de forma normal e não há transtornos em ambas as partes.

A segunda mãe afirmou que sua filha, quando teve acesso à LIBRAS pela primeira vez, hesitou em receber o conhecimento, mas depois percebeu a dedicação dela em aprender mais sinais e exercê-los com seus colegas e familiares.

Strobel(2008) ressalta que, com as famílias ouvintes, em muitos casos, “o problema encontrado para esses sujeitos surdos é a carência da falta de diálogo, entendimento e da falta de noção do que é a cultura surda. [...] Em famílias ouvintes, as crianças surdas observam as conversas e discussões que não são direcionadas a elas” (STROBEL, 2008, p. 50). Diante disso, é importante que a família aprenda a LIBRAS, pois, desse modo, ela adentrará no espaço que o seu filho está inserido e assim conhecerá a comunidade e compreenderá como seu filho constitui sua identidade através dela.

Conforme as respostas, podemos perceber que é necessário que a família esteja sempre em união com o mundo do seu filho que possui a surdez, compreender sua forma de ver o que está à sua volta, conhecer seus traços e o que o faz ser surdo, para que assim possa se comunicar com ele, sem que seu filho se sinta deslocado por perceber que sua família não possui informações a respeito de quem ele é, o que ocasiona impasses na maneira de conduzir a relação entre eles.

Por mais que ainda existam famílias que não conseguem aprender a LIBRAS, a comunicação entre elas e o filho surdo acontece, porém não da forma como desejada. Porque quando a criança surda cresce sem acesso à língua de sinais, corre o risco de comprometer toda sua capacidade de se desenvolver no meio social, sobretudo, no aprender, como foi relatado pela primeira mãe, ao contar que se sua filha tivesse tido acesso a língua de sinais desde pequena, o contexto e as possibilidades para ela seriam outros, pois até no ambiente escolar ela sente na pele o que é não poder se comunicar por completo e obter uma compreensão do que ela deseja.

Vejamos mais um questionamento:

Questão 6

6. Como ele reage à interação no seu meio familiar? Em algum momento, ele se sentiu excluído por conta da sua condição?

R1: Normal, porém há dificuldades na comunicação, pois nem sempre há compreensão por parte de todos para com e ela com todos.

R2: Ela nunca se sentiu excluída, pois como mãe estou sempre me igualando a ela, sempre procurando o melhor e mostrando a todos que por conta da condição dela, ela não é diferente.

No sexto quesito, nos direcionamos à interação no meio familiar, procurando saber se alguma vez a criança se sentiu excluída por sua condição. Segundo as mães, apesar de saberem que existe o preconceito, dentro do ambiente familiar nunca houve uma exclusão, pois elas, como mãe, estavam sempre tentando deixar nítido que apesar de não ouvir, suas filhas eram capazes de compreender tudo e todos. Nunca deixando espaço para a exclusão delas. E desse modo deve acontecer em todos os ambientes familiares, não pode existir a exclusão quando se trata de um parente, quando nós possuímos a consciência de que ele necessita mais que qualquer outro de nossa proteção e apoio. A família é responsável por guiar e direcionar a caminhos que facilitem a vida do indivíduo, apontando direções que levam a uma comunicação adequada, uma compreensão do mundo e tudo que está incluído nele, além de conhecer sua própria cultura.

Segundo Strobel (2008), a “inclusão dos sujeitos em uma comunidade é entendida a partir de uma perspectiva de influência mútua entre todos os sujeitos envolvidos dentro de uma localização particular, tendo um compartilhamento efetivo do saber onde todos aprendem juntos no mesmo espaço” (STROBEL, 2008, p. 31). Nesta perspectiva, compreendemos que a inclusão é tarefa em conjunto da família, dos que estão presentes no dia a dia da pessoa surda e têm conhecimento da luta que ela trava todos os dias para se encaixar numa sociedade que requer valores que para eles é correto por possuir um preconceito gritante que, muitas vezes, acaba por diminuir ou inferiorizar o diferente.

E mais uma vez a família participa, ela é encarregada de, além de proteger, incentivar seu filho a se aceitar, mostrar e permitir o acesso à sua língua materna, ofertar o direito de ser surdo. Quando o indivíduo surdo tem conhecimento de todo este apoio, ele consegue se sobressair das situações com mais tranquilidade, pois, possui uma base sólida, ou seja, a família se faz importante desde o nascimento e diagnóstico até sua fase adulta.

Nosso último questionamento tratou sobre a satisfação das mães em ver sua filhas aprendendo a libras.

Questão 7

7. Relate um momento no qual a comunicação por meio da língua de sinais tenha sido gratificante para os dois.

R1: Depois do acesso a Libras, a família pôde perceber a satisfação dela em aprender os sinais, pois assim era como se ela se sentisse fazendo parte de algo, como autoafirmando a sua identidade.

R2: Quando ela começou a identificar cada membro da família pelos sinais.

Por último, nossa sétima questão traz o relato de um momento gratificante na comunicação por meio da língua de sinais para ambas as partes. De acordo com as respostas dadas pelas mães, foi possível perceber que se sentiram felizes ao notarem que suas filhas estavam interessadas em aprender e se comunicar por meio dos sinais, era como se elas estivessem construindo sua própria identidade. A esse respeito Strobel (2008) evidencia que

Os defensores da língua de sinais para os povos surdos asseguram que é na posse desta língua que o sujeito surdo construirá a identidade surda, já que ele não é sujeito ouvinte. A maioria das narrativas tem como base a ideia de que a identidade surda está relacionada a uma questão de uso da língua (STROBEL, 2008, p. 89).

A primeira mãe disse que foi gratificante perceber que a filha estava sentindo como se fosse parte de algo importante, sentindo-se feliz por ela mesmo poder dizer seu nome através da sinalização, e a segunda mãe disse que ficou feliz em ver a filha identificar os membros da família com o uso da sinalização. Ou seja, diretamente, a LIBRAS traz à vida do surdo a identificação de si, através de sua língua e dos elementos culturais que integram a língua de sinais. Com isso, nota-se a importância que a língua de sinais possui para a vida de pessoas surdas e das que estão ao seu redor, adquirir sua língua materna desde cedo, com apoio e incentivo de todos é importante.

De acordo com Strobel,

Isto mostra a necessidade de refletirmos com seriedade na importância de trazer as crianças surdas ao contato com surdos adultos para criarem um vínculo identificador cultural, a fim de evitar que esta habitual dúvida surgida com o “olhar” ao seu redor na vida cotidiana possa pesar nas suas reflexões e provocar futuras angústias e ansiedade (STROBEL, 2008, p. 41).

O contato de crianças surdas com pessoas adultas surdas ajuda na construção de uma identidade individual, que muitas vezes se esconde pela questão de não ser abordada e explorada, privando-a de construir o que ela é através da sua língua. Após esses questionamentos, e conforme as respostas fornecidas pelas mães, foi possível perceber que existe, sim, a necessidade e a importância de se adquirir a língua de sinais no contexto familiar desde cedo. O processo da aquisição da linguagem por todos os membros da família se faz necessário para que não ocorra nenhum tipo de distorção na comunicação e ninguém se sinta incompreendido no seu ambiente de convívio.

Segundo Peixoto e Vieira,

Sendo a Língua de sinais o instrumento de interação e esse elemento importante para o desenvolvimento humano, é necessário que sejam assegurados ao surdo os espaços de interlocução em Libras. Para isso é importante que instituições sociais como: família, educação e outras cujas bases comunicacionais sejam a língua.[...] (PEIXOTO; VIEIRA, 2018, p. 50).

Desse modo, é importante ressaltar a necessidade da junção dos grupos sociais que compõem o círculo de convívio de todo indivíduo, para que a comunicação possa acontecer de maneira natural e tranquila, tanto para o surdo como para os que o rodeiam e são ouvintes. Sabemos que a língua é nosso instrumento de comunicação para qualquer ocasião, levando em consideração que é a partir dela que iremos relatar opiniões, expressões e questionar o próximo. Se a interação não se iguala, ou simplesmente não existe, dificilmente a comunicação ocorrerá de modo prazeroso e acarretará transtornos na convivência.

Podemos perceber, diante das respostas cedidas pelas mães, que quando não existe a interação por meio da LIBRAS, a comunicação no meio familiar se torna frustrante, daí nota-se a sua importância no contexto familiar, e que o processo para adquirir sua língua devem ocorrer já no início, quando a criança começa a compreender as coisas à sua volta e tentar comunicação com seus familiares, afinal, é com eles que desenvolvemos nosso processo social, é na família, a partir das referências recebidas deles, que criamos nossa percepção de mundo e estabelecemos nossa maneira de exercer a comunicação.

A língua de sinais para a pessoa surda é de suma importância, pois é por meio dela que poderá construir sua própria identidade, trazendo sua marca e sua forma de interagir com o mundo, sem a necessidade de forçar a oralização. A LIBRAS possibilita ao surdo sentir-se parte de uma comunidade, de algo que o resgata para ser o que ele é; isso propicia uma boa relação com a sociedade, além de auxiliar nas questões como trabalho, entre outras. Ainda de

acordo com Peixoto e Vieira(2018), “os surdos que têm acesso a LIBRAS em ambiente natural de interação possuem as melhores condições de desenvolvimento” (PEIXOTO; VIEIRA, 2018, p. 50). Sendo assim, é importante a participação ativa da família na vida da pessoa surda desde a infância, tentando inserir em sua comunicação a língua de sinais.

Foi possível perceber isso no momento em que uma das mães respondeu a respeito da aquisição da linguagem, quando ela lamenta por sua filha nunca ter tido acesso a LIBRAS e nem seus familiares, o que dificultou e atrasou muito o processo de desenvolvimento dela, além de nem sempre conseguir uma compreensão completa através dos gestos caseiros. Isto é, quando a família não possui conhecimento de uma comunicação explícita e clara, a comunicação entre o surdo e os que convivem com ele acaba sendo limitada, muitas vezes, afastando o surdo de sua família.

Segundo Carvalho, (2000)

Não é difícil pressupor que o fato de alguém da família ser identificado por critérios objetivos, médicos ou educacionais, como surdo, constitui-se numa experiência que marca tanto a criança como a família, e que pode alterar o funcionamento intersubjetivo de todos, na medida em que tal diferença impõe, de forma imprevista e definitiva, a perda da ilusão do filho perfeito (CARVALHO, 2000, p. 69).

É compreensível o choque imediato quando se sabe o diagnóstico do filho, sobrinho ou neto, principalmente pelas barreiras que a criança passa desde a infância até sua fase adulta, o que também ocasiona certo preconceito por não conhecerem e não conseguirem se adaptar à sua condição. Porém, cabe à família, como responsáveis pela criança, seja ela surda ou não, fazer o possível para que sua experiência de vida se torne agradável, deixando claro que sua condição não a limita em nada, de modo que a criança cresce sabendo que pode contar com os seus familiares, o que a deixa forte e segura de si.

Quando não ocorre a participação da família nesse processo de desenvolvimento, a situação se torna delicada, resultando em marcas profundas para a criança surda, que não consegue compreender o porquê de não ser aceita, já que ela tem capacidade de se expressar, de se comunicar, porém de forma diferente. Quando temos nossa família do nosso lado, nossas experiências de vida se tornam mais fáceis.

Santana diz que,

Por não terem pessoas proficientes com quem se comunicar, os surdos deixam de vivenciar todos os usos efetivos da linguagem. Muitos pais acabam por utilizar sinais para informar, e não para comentar, explicar, contar histórias, contar piadas. Isso pode ter implicações significativas, como atraso na aquisição da língua de sinais e, conseqüentemente, atraso cognitivo (considerando-se a inter-relação entre linguagem e cognição), impossibilitando de constituir-se um sujeito falante e a exclusão social do surdo (SANTANA, 2002, p. 117).

Evidenciamos que a LIBRAS como comunicação abre muito mais que portas para a sociedade, é a melhor maneira de encaixar a pessoa surda em algo que se tem notoriedade, é resgatar sua cultura e criar sua identidade. E todos esses processos ocorrem conforme a base que o indivíduo possui desde seus primeiros anos de vida, quando ele constrói sua forma crítica e sua maneira de se comunicar com as demais pessoas, que, como dito em capítulos anteriores, é a partir da família que temos nossa primeira experiência de comunicação e, conseqüentemente, desenvolvemos nossa aquisição de linguagem.

Por isso, essa pesquisa se objetivou em demonstrar através dos questionários e respostas, opiniões contundentes que pudessem esclarecer esse tema bastante importante para a comunidade surda. Falar sobre o papel que a família exerce na vida de qualquer pessoa, surda ou não, é de suma importância, uma vez que permite conscientizar as famílias que ainda agregam em si a ideia de que não podem aceitar uma criança surda.

De acordo com Sacks(2010), “a língua de sinais é para os surdos uma adaptação única a um outro modo sensorial; mas é também uma corporificação da identidade pessoal e cultural dessas pessoas” (SACKS, 2010, p. 105). Por isso, a importância de a criança surda ter acesso a LIBRAS junto com a família, tendo em vista que é desta forma que ela constrói sua própria identidade, reafirmando sua cultura através da participação na comunidade surda e pela convivência com outras pessoas que praticam a língua de sinais.

Mostrar formas e meios que podem auxiliar os dois lados para uma convivência harmoniosa é o melhor que se pode fazer, pois é na família que se inicia tudo, desde a primeira expressão durante esse processo de aquisição da linguagem.

5 CONCLUSÃO

Diante de tudo o que foi exposto, compreendemos a necessidade de facilitar o acesso a LIBRAS, para que as famílias que possuem uma criança surda em casa possam conduzir de maneira tranquila a relação entre eles e assim construir uma comunicação com resultados de compreensão para ambos os lados.

É preciso que as famílias, ao receberem o diagnóstico, façam o processo de aceitação da condição do seu parente, e busque modos e maneiras de estabelecer uma forma fixa de comunicação que seja assegurada e completa, para que não aconteça nenhuma incompreensão, e propicie a aquisição da linguagem do surdo, pois ele tem o direito linguístico de ter acesso à língua no mesmo período que o ouvinte.

Evidenciamos que as famílias que possuem um parente surdo se tornam indispensáveis ao seu crescimento social e individual, pois, como já foi discutido, é de ciência de todos que o indivíduo tem a família como um modelo a seguir, e é através dela que constituímos nossa visão e compreensão da realidade cultural e com a nossa língua.

A família deve ter a consciência de que precisa buscar meios para que o seu filho surdo se integre e desenvolva suas habilidades de modo normal, sem que seja prejudicado e sofra danos profundos, sabendo que ao abraçar sua condição estará amenizando todo e qualquer preconceito que ele venha a padecer quando estiver exercendo sua cidadania. Qualquer indivíduo reage de forma segura aos problemas quando ele tem conhecimento de que possui um lar que o acolhe e que o aceita. Neste sentido, é importante ressaltar e afirmar que o apoio fornecido pela família é importante, pois ele envolve, não só a convivência no ambiente familiar, como também influencia na conduta externa do indivíduo.

Por esse ângulo, nota-se a necessidade da língua de sinais para a pessoa surda e para sua família, e como a falta dela interfere negativamente no crescimento e na interação deles. Quando a família não possui o conhecimento da LIBRAS, provavelmente a comunicação se torna limitada, gerando transtornos por não compreenderem o que seu filho surdo quer indicar, ao mesmo tempo que ele não consegue absorver as informações obtidas no meio familiar.

Desse modo, conhecer a língua de sinais vai além de adquirir uma língua nova, é promover uma comunicação saudável entre os indivíduos que vivenciam essa realidade, além de compreender o mundo sobre um novo olhar. O conhecimento da LIBRAS permite entender que surdez não é sinônimo de incapacidade, que sua condição não influencia no seu ritmo de vida e que ela depende de você como qualquer outra criança ouvinte.

A língua de sinais abrange uma prática que reflete no comportamento daquele que necessita e faz uso dela. Adquirir sua linguagem remete a uma comunicação de fácil compreensão, como também resulta numa conquista e autoafirmação do que a pessoa é, reafirmando sua cidadania, sua cultura, pois é através da língua que trazemos nossa própria identificação.

Concluimos que a família, por constituir o meio social mais importante, é peça fundamental no processo de aquisição da adquirir sua língua materna, a LIBRAS, e reconhecê-la como forma de comunicação no meio familiar e no meio social. Os primeiros vestígios de interação se dão por meio da convivência com os familiares, construindo assim sua consciência cultural, adquirindo seus próprios conceitos e apropriando-se da sua língua.

A realização desta pesquisa resultou em uma satisfação significativa, além de abordar um tema importante para mim, enquanto aluna do curso de Letras e atuante na área da educação, e sua contribuição relevante para a instituição da qual faço parte. Conhecer um pouco mais e descobrir o quão determinante é a união da família e a LIBRAS para o indivíduo surdo foi muito significativo.

Assim, conhecido sua cultura, seu senso crítico, sua visão de mundo inicialmente se dão por meio da convivência e das experiências obtidas no ambiente familiar. Estamos longe de um acesso fácil à língua de sinais, muitas famílias ainda não têm conhecimento da língua de sinais por diversos fatores, que vão além do querer delas. Mas, o primeiro passo é, sem dúvida, a família fornecer apoio e estrutura para seu parente surdo, dando amor como base e sendo seu porto seguro, e, acima de , mostrando a ele que ser surdo não é indicação de deficiência e que a única diferença que ele possui é na língua, porque não ouve, mas se expressa, e transmite sensações através das mãos e da visão.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos, RANGEL, Egon de Oliveira. **Tarefas da educação linguística no Brasil. Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 5, n. 1, ano: Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 2005.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. **Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em 13 de janeiro de 2019.

CARVALHO, J. M. **O ideal de completude narcísica e o adolescente surdo: um estudo clínico.** Dissertação de mestrado não-publicada, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2000.

GESSER, Audrei. **Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 2008.

GOLDFELD, Marcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista.** 2ª ed. São Paulo: Plexus, 2002.

LABORITT, Emmanuelle. **O voo da gaivota.** São Paulo: Best Seller, 1994.

LENZZI, A. F. **O método perdoncini.** In *Surdez: Abordagem geral.* Florianópolis: Editora UFSC, 1988 (Série Didática).

PEIXOTO, Janaína Aguiar, VIEIRA, Maysa Ramos (org.). **Artefatos culturais do povo surdo: Discussões e reflexões.** João Pessoa: Sal da terra, 2018.

PERLIN, Gladis. **O lugar da cultura surda.** In: THOMA, Adriana da Silva; LOPES, Maura Corcini (Org.). **A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação.** Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2004.

PEREIRA, Rachel de Carvalho. **Surdez: aquisição de linguagem e inclusão social.** Rio de Janeiro: Revinter, 2008.

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem.** Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUEIROZ, Luana de Souza; RUBIO, Juliana de Alcântara. **A aquisição da linguagem e a integração social: a Libras como formadora da identidade do surdo.** In: *Revista Eletrônica Saberes da Educação*, v. 5, n. 1, 2014. São Roque: UNINOVE, Disponível em: http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes_pdf/educacao/v5_n1_2014/Luana.pdf. Acesso em: 13 de abril de 2019.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3ª. Ed. São Paulo: Atlas, 2012.

SACKS, Oliver. **Vendo Vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

SANTANA, Ana Paula. **Surdez e linguagem: aspectos e implicações neurolinguísticas**. São Paulo: Plexus, 2007.

SKLIAR, Carlos (org.) **A surdez: um olhar sobre a diferença**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

_____. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 2ª Ed. Porto Alegre: Mediação, 2001.

STELLING, Esmeralda. **O aluno surdo e sua família**. *In: Repensando a educação da criança surda*. (org.) Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES. Rio de Janeiro: Divisão de Pesquisas, 1996.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: UFSC, 2008.

STROBEL, K. L.; FERNANDES, S. **Aspectos linguísticos da língua brasileira de sinais**. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Educação Especial. Curitiba: SEED/SUED/DEE. 1998.

VESCHI, Jorge Luiz. **Família e Linguagem**. *In: Congresso, surdez e universo educacional*. Rio de Janeiro: INES, 2005.

WITKOSKI, Sílvia Andreis. **Surdez e Preconceito: a norma da fala e o mito da leitura da palavra falada**. *In: Revista Brasileira de Educação*, v. 14, n. 42, p.565-606. Paraná: SCIELO, 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v14n42/v14n42a12.pdf>. Acesso em: 15 de março de 2019.

ANEXOS

Figura 1 – Questionário

1. Existe alguém na família que tem o conhecimento da língua de sinais? nao.
2. Quando vocês perceberam a necessidade de inserir a língua de sinais na comunicação? Com que idade ele começou a ter contato com a Libras? Sentiu a necessidade, mas, a família não conseguiu ter acesso. Porém está tendo contato agora aos 17 anos.
3. Como se deu o processo da aquisição da linguagem dentro da relação familiar? Através de pontos Casparys a comunicação entre a família foi estabelecida.
4. Como as pessoas da família reagiram quando tomaram conhecimento que ele era surdo? houve um impacto, o que era normal, mas depois ocorreu a adaptação e conformidade.
5. Como ele reage a comunicação estabelecida entre vocês? E vocês enquanto família, alguém se opôs a aprender a Libras? A comunicação ocorre através de gestos, e a mesma reage bem a forma de interação entre os familiares.
6. Como ele reage a interação no seu meio familiar? em algum momento ele se sentiu excluído por conta da sua condição? normal, porém há dificuldades na comunicação, pois nem sempre há compreensão por parte de todos com ela e ela com todos.
7. Relate um momento no qual a comunicação por meio da língua de sinais tenha sido gratificante para os dois. Depois de aprender a libras, a família pode perceber a satisfação dela em aprender, pois assim, como ela se sente fazendo parte de algo, como se está afirmando a sua identidade.

Figura 2 – Questionário

1. Existe alguém na família que tem o conhecimento da língua de sinais? *Profissionalmente não, mas eu como mãe sempre estava buscando em vídeo, aplicativos aulas de libras e agora ela conseguiu uma acompanhante nos aulas dela e está lendo aulas de libras.*
2. Quando vocês perceberam a necessidade de inserir a língua de sinais na comunicação? Com que idade ele começou a ter contato com a Libras? *Apartir do momento que vamos a desenvolver a ela na escola, com 7 anos ela começou a ser acompanhada com uma professora de libras.*
3. Como se deu o processo da aquisição da linguagem dentro da relação familiar? *Toda família está disposta a aprender para um melhor convívio com ela, e com os aulas que tenho na escola dela por isso para todos em casa e juntos estudamos.*
4. Como as pessoas da família reagiram quando tomaram conhecimento que ele era surdo? *Naturalmente surgiu um turbilhão de sentimentos muito alegria, muito amor nunca questionamos o porque dela ter essa deficiência.*
5. Como ele reage a comunicação estabelecida entre vocês? E vocês enquanto família, alguém se opôs a aprender a Libras? *No começo ela ficou muito triste, mas a professora dela disse que era normal, mais hoje em dia ela se dedica muito e eu estou sempre acompanhando ela e juntos estamos aprendendo.*
6. Como ele reage a interação no seu meio familiar? em algum momento ele se sentiu excluído por conta da sua condição? *Ela nunca se sentiu excluída pois como mãe estou sempre muito igualando a ela sempre procurando o melhor e mostrando a todos que por conta da deficiência dela ela não é diferente.*
7. Relate um momento no qual a comunicação por meio da língua de sinais tenha sido gratificante para os dois. *Quando ela começou a identificar cada membro da família pelas as Libras.*

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Senhor (a)

V.N.S.A e L.V.S

Esta pesquisa é sobre A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS DO SURDO E DA FAMÍLIA e está sendo desenvolvida pela aluna: Kathyene de Araújo Gomes do Curso de Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba, sob a orientação da Prof. Esp. Aline de Fátima da Silva Araújo.

Os objetivos do estudo é compreender como acontece a aquisição da língua da pessoa surda e a importância da família nesse processo.

A finalidade deste trabalho é contribuir para as relações familiares da pessoa surda e abranger a importância da participação dela no processo de desenvolvimento da criança surda.

(A fim de beneficiar os as relações familiares e principalmente ao sujeito surdo, que necessita do espaço familiar acessível para que seu processo de adquirir sua língua ocorra de modo que não cause danos a ele).

Solicitamos a sua colaboração para responder as questões disponíveis no nosso questionário, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área da educação e publicar em revista (*se for o caso*). Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos, previsíveis, para você.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano.

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados.
